



The image shows the front cover of a book. The cover is decorated with a traditional marbled paper pattern, featuring intricate, swirling designs in shades of black, white, and grey. The patterns resemble organic, fluid shapes like shells or clouds. In the center of the cover, there is a white rectangular label with black text. The text on the label is centered and reads:

*The Gift of
The Associates of
The John Carter Brown Library*







Mas ai! que novo objecto lastimoso
 Meus tristes olhos fere! Huma Princeza
 Vejo envolta no pranto mais copioso!

O' desgraça da humana natureza!
 O' fatal morte! A tua crueldade
 Nem respeita Virtude, nem Grandeza.

Justissima he, Senhora, essa faudade,
 Perdestes a mais doce companhia,
 E com ella a maior felicidade.

Hum tão triste desfazte da agonia,
 Mais cruel encheo vosso peito Augusto;
 Quando vereis o rosto da alegria.

Mas poupai-nos a nova magoa e susto:
 Brilhe o vosso prudente soffrimento
 Pela resignação com o Ceo justo:

Que em quanto no Celeste Firmamento
 Vosso Bispofo entre alegres replendores
 Feliz descança no mais doce allento.

Seu nome abro nos troncos dos verdores;
 Com estes cresça a sua illustre gloria;
 Ainda que não dependem de louvores,
 Os Erões dignos de immortal memoria.

F I M.

ORAÇÃO FUNEBRE

D O

SERENISSIMO SENHOR

DOM JOSE

PRINCIPE DO BRAZIL.

Recitada na Santa Sé Primaz de Braga
Aos 6 de Outubro de 1788.

P O R

Fr. MANOEL DE SANTA ANNA BRAGA

Menor Observante

L I S B O A.

NA TYPOGRAFIA NUNESIANA.

MDCCLXXXIX.

*Com licença da Real Mesa da Commissão Geral
sobre o Exame, e Censura dos Livros.*

Oxalá que eu tivera acabado , e que
ninguem me tivera visto .

Job Cap. X. v. 18.



ORAÇÃO FUNEBRE

DO

SERENISSIMO SENHOR

DOM JOSE'

PRINCIPE DO BRAZIL.

QUE crueis momentos ! Que melancolicos instantes vam passando neste lacrimoso dia ! Que tristes insentivos da mais profunda magoa fuscitam em meu espirito affombro , em meus olhos lagrimas, em meu coração gemidos ! Se busco o alto silencio do retiro, ouço nas torres o funesto som, que annuncia o termo fatal do homem ! Se procuro o centro da sociedade, conto a multidão dos afflictos pela multidão dos habitadores ! Se em tão tristes angustias correndo venho ao Sacro-sancto asilo deste Templo Augusto, longe de encontrar refrigerio nas suas sombras, perco todas as esperanças do desejado alivio . As sanctas ceremonias, que acabam de ser praticadas no lugar sancto ; os tumbres apparatus, que as acompanháram desde o seu principio ; o lucto, que se observa pendurado pelas suas paredes ; e essa Urna, que, extinctas as luzes do candieiro de ouro, resta sobre o pavimen-

A ii

men.

mente , que está dizendo tudo isto no fundo do meu coração ? Não he preciso repetir-me que he morto o SERENIS.^{mo} SENHOR D. JOSÉ PRINCEPE do Brazil. A morte porfiadamente me-tem provado pela grandeza do seu triumpho a grandeza do seu Imperio. Que crueis momentos ! Que melancolicos instantes vão passando neste lacrimoso dia !

Injustos inimigos de Portugal , infelizes habitadores dos mais remotos paizes da terra , podereis vós censurar o nosso pranto ? He por ventura o mundo , quem manda levantar este monumento para honrar a memoria de algum tyrano ? He o mundo quem nas tristes sombras do desenhno , e da architectura quer deter a fugitiva carreira de seus Conquistadores ? He o mundo , quem me obriga a fallar , para fazer firme huma gloria mal fundada entre os ductos de hum thuribulo , sustentado pelas mãos da lizonja ? Nada disto ; vós o sabeis. O espirito da Religião , e da Piedade SERENIS.^{mo} SENHOR , (*) eu não devera proferir huma só palavra , sem que baixando os olhos , e inclinando a cabeça , logo no principio buscasse na permissão a protecção de V. A. As penozas angustias de meu atribulado espirito me fizeram esquecer esta indispensavel obrigação dos Oradores , mas V. A. , que não deseja accrescentar as afflicções ao afflicto , não só desculpa este meu defeito ; mas até me está mostrando pela sua innata benevolencia , que insta pela continuacão do meu discurso. O espirito da Religião , e da Piedade (principiava eu a dizer-vos)

(*) O Arcebispo D. Gaspar.

vos) o mesmo espirito, que vos juntou neste Sacro-sancto retiro, he quem me obriga a fallar-vos.

Não he pelas mãos da vaidade, he pelas mãos do reconhecimento, que hum PRINCIPE vivo, quer honrar a memoria de outro PRINCIPE defunto. Deve logo o seu comportamento ser o exemplo do nosso. A magoa por justos motivos, que não repito por não accrescentar a sua dor, atribula poderosamente seu ternissimo coração: mas nelle podem mais as sanctas reflexões do espirito, e da prudencia, que os impulsos da natureza, e do sangue. Por hum vivo sentimento he obrigado a levantar diante de nossos olhos esse melancolico symbolo dos mortos: com tudo huma rara conformidade com os Decretos do Eterno suspende piedozamente as lagrimas de seus olhos. Suspendamos nós tambem as nossas. Com ellas nem podemos mover, nem podemos abrandar as pedras das sepulturas. Não choremos, honremos a memoria do PRINCIPE morto. Consideremos os dotes, que tendo feito preciosa a sua vida, fizeram tambem preciosa a sua morte. Vivacidade de engenho, e penetração de espirito; eis-aqui o seu genio: Primeiro ponto. Bondade natural, e compaixão nativa; eis-aqui o seu animo: Segundo ponto. Por estas qualidades devemos medir a grandeza do PRINCIPE defunto. Todas ellas são muito estimaveis, ainda quando as aníma o espirito da natureza; com tudo podem ser illuzões: mas quando as aníma o espirito da Religião, são estimaveis sem controversia. Pouco expedito, ainda que assás versado, no exercicio da Eloquencia, he o que passo a mostrar-vos na
vida

vida eternamente memoravel do SERENIS.^{mo} SENHOR D. J o s e' Principe do Brazil, e Digno Succesor dos Muito Altos, Poderozos, e Fidelissimos Reis de Portugal SENHORES NOSSOS.

P R I M E I R O P O N T O .

S E N D O certo, meus amados ouvintes, que a grandeza das creaturas não he propriamente sua: he igualmente certo, que para ser avaliada, deve medir-se pela grandeza das acções, que praticam, e a grandeza das acções pelos fins, a que se dirigem, e lhes prescreve o Supremo SER. Toda a grandeza, que não for examinada por esta medida, nem pode ter duração, nem he grandeza. Cezar juntou de mortos os campos dos seus triunfos, e chegou a calçar de esqueletos o throno do seu Imperio. Foi grande. Moyfes derramou o sangue dos seus inimigos para sustentar a gloria do SENHOR. Tambem foi grande. Ambos tiveram, quem levasse seus Nomes ao templo da immortalidade. Mas o tempo apagou o nome do primeiro; e o do segundo ainda hoje existe. Augusto fez succeder o marmore aos ladrilhos de Roma para eternizar os vãos projectos da sua vaidade. Foi grande. Salomão, fez succeder a riqueza do Templo á pobreza do Tabernaculo. Tambem foi grande. Ambas estas fabricas se arruinaram. He verdade. Mas sobre os alicerces da primeira succederam Pagodes; e sobre os da segunda Templos. Quem revolve as Historias Sagrada, e Profana encontra infinitos exemplos, que provam esta verdade.

Regulado por este principio, que no systema Theologico pode passar por Theorema demonstrado, sem formar huma só hypothese, principio a mostrar-vos a grandeza do SERENIS.^{mo} PRINCIPE do Brazil. Não posso buscar equilibrio entre as suas acções, e as dos Heroes, que acabo de elogiar; não posso, nem devo; porque em fim não chegou a sustentar o Sceptro: mas posso buscar proporção; porque sei com certeza, que o podia sustentar. O Cedro mais corpulento do Libano entra na mesma especie com aquelle, que principia a nascer. Occupa só maior terreno, estende mais os seus ramos; porém não differe. Não temo que falte o parallelo entrando nelle o PRINCIPE, de quem estô fallando. Filho extremozamente amado da Fidelissima Soberana, que hoje nos governa. Neto de Reis, que tem feito a honra, e a gloria de Portugal, devia herdar as qualidades, que os fizeram amaveis, e respeitaveis ao mesmo tempo. Devia; porque as boas arvores não podem produzir máos fructos, segundo as expressões de S. Matheus.

Lisboa o vio nascer, e com que gloria! Reclinada pelo dilatado espaço de seis annos sobre a ruina de seus edificios, estava chorando amargozamente os estragos do mais espantoso terremoto. Sentindo ainda quentes as cinzas do voraz incendio, que tinha devorado a muitos de seus filhos, estava derramando sobre ellas as lagrimas da sua dor; mas foi obrigada a trocá-las em lagrimas de prazer. O dia 21 de Agosto do anno de 61, vendo nascer o PRINCIPE, vio a mudança desta scena. Todo o Reino exultou de con-
ten-

tentamento. O seu jubilo se fez entender até dentro dos seus sanctuarios. Sede testemunhas desta verdade sagradas paredes deste Templo Augusto. Vós mesmas observastes os Canticos de louvor, e as demonstrações de consolação do supremo Pastor desta Dioceze, assim como agora acabaes de ouvir as suas Orações, e estaes observando o seu silencio. Silencio respeitavel, signal do seu amor; monumento da sua magoa, e testemunho authentico da sua conformidade com os Decretos do Eterno.

Creado, e nutrido o PRINCIPE nos braços do amor, e da vigilancia, principiou logo a mostrar em seus primeiros annos os mais raros dotes da natureza. Huma presença amavel, hum genio docil, hum coração terno, hum agrado incomparavel, o faziam passar pelo PRINCIPE mais bello da Europa. Sobre tudo isto mostrava, que por hum motivo mais Augusto; que os motivos de Tito Vespaziano, não contaria entre os dias da sua vida aquelle dia, em que, podendo, não contasse algum beneficio, que tivesse feito. Bem fei, que todos estes dotes podem pertencer á classe das virtudes naturaes; mas quando a graça trabalha sobre as funções da natureza, todos elles são superiores ás suas forças, sendo acompanhados das virtudes Moraes.

Bem posso affirmar-vos, que o foram, quando os contemplo no SERENIS.^{mo} PRINCIPE do Brazil. Ainda mais: posso affirmar-vos que os seus annos, e o seu caracter correram sempre em razão directa; porque nunca se conheceo diminuição no merecimento; ainda que se lhe conhecesse augmento
na

na idade. Entregue á vigilante deligencia do Excellentíssimo Bispo de Beja, amavel por suas virtudes, e respeitavel pela sua Sciencia, principiou a ser educado nas primeiras Sciencias, e foi o mesmo, que principiar a provar a vivacidade do seu engenho, e penetração do Seu Espirito. Era a voz constante, que se ouvia na Corte. Das primeiras Sciencias passou ás segundas, sem que o Espirito achasse maior violencia nos degrãos, que subia.

O muito Alto, e Poderozo Rei, e Senhor Nosso D. JOSE' I. seu Avô, e Tio, (cuja memoria durará sempre na memoria dos Sabios, e dos Artistas) tinha aplanado o caminho das Sciencias em Portugal. Arrancando os espinhos, e abrolhos, que a criminoza indolencia dos Professores hia deixando crescer nas Aulas, e nas Oficinas do seu Reino, mostrou bem, que tinha herdado com o Reino o Coração de hum Rei dos mais Augustos, que se contam na Historia Genealogica da Casa Real. Cortando de hum só golpe a cabeça ao monstro do fanatismo, fez entrar no seu Reino os novos Livros, que hoje conhecemos. Condillac, Genuense, Malebranch, Lock, eram Auctores desconhecidos em Portugal.

Eu não sei, por qual delles foi instruido o PRINCIPE nos principios da boa Filosofia, sei, que sem abater o respeito, que lhe era dividido pela sua Pessoa, estimava, e obedecia a seu Mestre, como hum discipulo, que busca a Sciencia, sem buscar incenso. Duvidando, perguntava sempre. Ignorando queria ser instruido. A vivacidade do seu engenho, e a penetração do seu Espi-

pirito não soffria duvidas , e muito menos ignorancia . Não me quero valer da voz constante , que sempre ouvi na Corte , fallando-se nesta materia , quero referir-vos hum factó , que eu mesmo cheguei a presenciar . N'uma das Aulas publicas de Mafra , se propuseram humas Conclusões de Filosofia , ja são passados cinco annos . Fui assistir a ellas . Fallei no lugar dos Arguentes sobre a immortalidade d'Alma : fallaram tambem outros sobre diversas questões , que nella se propunham . As Pessoas Reaes , e a Corte eram presentes ao Acto . O PRINCIPE não só foi visto assistir com a maior attenção a todas as disputas ; mas acabadas ellas foi ouvido em particular decidir sobre a força dos argumentos , e das respostas , analysando cada huma das duvidas , e apreciando a força das resoluções respectivas . Acabo de referir-vos o que presenciei , e ouvi , sem receio de incorrer na mentira , vicio infame , para quem deve olhar o Filozopho com horror , o Christão com escrupulo , e o Orador , com escrupulo , com horror , e com estudo .

Antes que passe adiante quero perguntar-vos , poderá fallar bem nas faculdades do espirito , quem ignora os seus elementos ? Poderá decidir nas Sciencias , quem he hospede nos seus principios ? O vosso silencio não só dá toda a força ao argumento ; mas até me despenza de produzir outro . He por isso mesmo desnecessario amontuar provas da sua vivacidade . Se eu intentasse numera-las , seria preciso numerar-vos todas as occasiões , em que foi visto dentro , e fóra do Palacio . Seria necessario trazer á memoria

9

todas as funções das muitas, que vemos em Lisboa. Perguntai a quem as vio, a quem as observou miudamente, e a quem tratou com o PRINCIPE; pedi, que vos expliquem a miudeza com que perguntava, o que desejava saber; a presteza com que respondia ao que se lhe propunha; e sobre tudo a palmoza retentiva, que conservava de tudo, o que tinha observado. Não me obrigueis nesta parte; porque receio, ou abusar da vossa paciencia, ou não acabar hoje a Oração.

Com esta viveza de engenho; e com esta penetração de Espirito foi educado o PRINCIPE nas Sciencias necessarias a hum bom Imperante. E como as letras, e as armas são os dous eixos, em que róda o Systema do Governo publico, era precizo, que os conhecesse ambos. Tendo aprendido os Canones precizos a emendar os defeitos do entendimento por huma boa Logica, devia aprender os Direitos da paz, e da guerra, por hum bom Naturalista. Ignoro qual fosse o seu favorecido; o que sei he, que o PRINCIPE sabia falar, e entender a materia. Quando não fosse o seu estudo, tinha a seu lado, quem o podia instruir bem nella; e dentro das portas do Palacio não se perde o tempo.

Educado nos principios do Direito Natural; e das Gentes, devia ser educado nos meios de os poder praticar; porque hum Rei sentado no Throno, deve saber mais, do que hum Professor, sentado na Cadeira. As Armas são os unicos, de que se podem valer os supremos Imperantes nesta precizão, e sempre o foram, porque no balanço geral dos Imperios sempre valeo mais a

força, do que a razão. O PRINCIPE sabia ja tudo isto, e foi por este motivo, que o manejo das armas, e os exercicios bellicos fizeram hum dos seus maiores prazeres. Para ser completa a sua satisfação nesta parte, applicou-se á Mathematica: estudo profundo, Sciencia a mais digna do Filosofo, e a unica, que pode aquietar o seu espirito pela infalibilidade das suas proposições, pela naturalidade dos seus corollarios, e pela certeza dos seus calculos. Depois de tudo isto, hum bom soldado para o PRINCIPE, era hum bom amigo. Conhecendo, por força da natureza, o alto sacrificio, que fazia da sua vida, para defender a vida do Imperio, chegou a conhecer por força do seu estudo o merecimento; que tinha na satisfação, das suas obrigações. Não foi ouvindo poucas vezes elogiar o soldado expedito, o Capitão deligente, o Official instruido, e o Coronel sabio. Que provas mais fortes podeis desferjar da viveza do seu engenho, e da penetração do seu Espirito na disciplina Militar? Pode ser que nem tantas esperariam muitos, dos que me estam ouvindo. (Não digo todos; porque bem sei, que estou fallando diante de muitos, que nada precisavam de ouvir-me, se não quizessem honrar-me com a sua assistencia.)

O grande prazer, que o PRINCIPE teve no ensaio da guerra, não vos padeça incompativel com a docilidade do coração, que lhe notei logo ao principio. He verdade, que as guerras offensivas provam ou ambição fordida, ou dureza intoleravel no Coração dos Reis; mas tambem he verdade, que as defensivas provam zelo da Patria,

é amor de Vassallos. He verdade, que em ambas as occasiões corre o sangue; mas tambem he verdade, que na primeira entra o furor de hum Diocleciano, e na segunda a Clemencia de hum Tito. Este problema das Guerras tem sido proposto muitas vezes no mundo aos Principes da terra. Huns o tem resolvido por força, outros por vontade. Attendida a bondade natural do PRINCIPE, e attendida a sua compaixão nativa, creio firmemente, que se chegasse ao Throno, seguiria sempre o partido dos primeiros.

Eis-aqui as duas qualidades, que davam a conhecer o seu genio, e que prometti mostrar-vos no primeiro ponto. Não foi o espirito da lizonja, quem me obrigou a pinta-las; porque em fim tenho elogiado a hum PRINCIPE defunto. Foi o amor da verdade, para provar o justo motivo do meu, e do vosso sentimento na sua morte. Passa agora a mostrar-vos as outras duas, que deram a conhecer o seu animo, para desempenhar o que prometti no

SEGUNDO PONTO.

QUANDO as Historias profanas nos contam a grandeza dos Conquistadores do Mundo, sempre nos pintam huns homens, que delles apenas tem o nome, e a figura. Não digo bern: sempre nos pintam huns monstros, que se distinguem entre os homens, como hum Nero se distinguio entre os moradores de Roma. Humas vezes os mostram abrindo ou á violencia do ferro, ou á violencia do

do fogo os tristes degráos , por onde subiram ao Throno: outras vezes insensíveis ás lagrimas da innocencia opprimida, fundando a sua gloria na desgraça de huns Povos, a quem o acafo fez ficar vencidos. N'umas partes os pintam recostados á mesma espada, com que fizeram correr arios o sangue de seus vizinhos, fazendo por isso mesmo timbre de verem juncados de mortos os campos da sua batalha.

Em outras partes os representam recolhendo apressadamente mil despojos tintos no sangue de hum Povo desgraçado, e vencido. Finalmente, equivocando sempre o nome da grandeza com o da violencia, chamam Heroes aos Tyranos, e acções gloriosas á traição, ao engano, e á mentira. Não he assim, PRINCIPE AUGUSTO, que teu nome será escripto nos annaes Portuguezes com estas pennas de ferro!

Destinado a sustentar o Sceptro pelo direito da successão que lhe importava o da Conquista? Nada. Buscando nas Hiltorias Sagradas, e profanas o exemplar de hum bom Principe, Carlos XII. na Suecia, e Alexandre em Macedonia, nunca foram o seu modelo. Sabendo, que o primeiro fez tremer o Norte pelo estrondo das suas armas; e que o segundo fez callar a terra com a sua presença, desaprovava, como latrocínios as suas maximas. Na sua estimação Carlos era temerario, Alexandre ambiciozo. A sujeição na Suecia era terror, no Mundo era susto, e o PRINCIPE queria nos Portuguezes filhos, não queria escravos. Nem era preciso forçar o seu entendimento para formar estas ideas, o Ceo lhe tinha da-

9

dado hum genio tão pacifico, e hum Coração tão docil, que naturalmente as formava.

Estas qualidades no coração de hum PRINCIPE indolente, podem ser filhas ou da fraqueza, ou do medo: mas no coração de hum PRINCIPE de genio vivo, de juizo penetrante, são filhas de huma bondade natural, e de huma compaixão nativa. O SERENISSIMO PRINCIPE do Brazil não queria sangue: mas sabendo, que as suas intenções, sendo proprias para formar hum Coração bom, não erão bastantes para formar o Coração de hum Principe: bastando para sustentar a vida de hum coração compassivo, não bastavam para sustentar a vida do Imperio: não queria ver derramado o sangue dos Portuguezes, mas tinha animo para ver derramar o dos seus inimigos. Não tinha animo para mover as tropas a fim de ostentar as forças do Imperio; mas tinha animo para o defender. Quem o fazia entrar nestas intenções sanctas, nestes discursos filhos de hum amor justo, e de huma piedade Christã? O estudo, que tinha feito sobre as obrigações de hum bom Rei. Sabia a origem dos Imperios; sabendo a Origem dos Imperios, sabia qual era o Direito dos Summos Imperantes; sabendo o Direito dos Summos Imperantes, queria paz, e só faria a guerra para a sustentar. Examinemos a raiz destas proposições.

As Leis civis são os anneis, de que se formou a cadêa respeitavel, que prende os homens em sociedade. Tendo buscado por mil modos a sua tranquillidade, e o seu socego; e cansados em particular pela violencia, que lhes faziam ou seus vizinhos, ou seus inimigos; tentaram con-

fe-

seguir no focego geral, o particular. Como a experiencia propria lhes tinha mostrado já, que para este fim não bastavam as forças de cada hum em particular; não foi violento a todos sacrificar huma parte da sua liberdade, para poderem conservar o resto. A somma total destes pequenos sacrificios depositada numa só mão, que Deos abençoã; eis-aqui o direito Sacro-Sancto dos Supremos Imperantes no Mundo. A' vista disto, não sendo precisa huma demonstração prolixa, havida pelos profundos theoremas de Euclides para conhecer todo o poder de hum Rei: tambem não he precisa para conhecer, que o PRINCIPE satisfazia a Deos, e aos homens no systema, que tinha adoptado. Se eu estivesse fallando nas Aulas, affim como estou fallando no Templo; ou ainda senão achasse em vossos animos huma prova antecipada sobre a bondade natural, e sobre a compaixão nativa do PRINCIPE, não só proporã os argumentos, que podem fazer os bons Cidadistas; mas até metteria em toda a sua força, os que tem forjado os máos Politicos, e verieis os primeiros arguentes satisfeitos, e os segundos confundidos. Mas graças á bondade natural do PRINCIPE, quando ouço fallar nella, não acho hum só, que a contradiga: e graças á minha fortuna, quando pertendo exalta-la, não tenho de confundir os inimigos da minha causa.

Tendo-vos pintado quaes seriam as Altas Qualidades do PRINCIPE sentado no Throno, e governando pacificamente o seu Povo, não tracei as linhas pelos nossos desejos: tracei-as pelas açções, que todo o mundo lhe via praticar. Que
mo-

modelo para todos os Poderozos da terra ! Tendo nascido grande, não foi preciso modificar-lhe a soberba; porque a não tinha. Possuindo os mais raros dotes da natureza não foi preciso refrear-lhe os vícios; porque os não praticava. Devendo bejar a mão Paterna, não foi preciso advertir-lhe as obrigações de filho; porque as enchia. Tendo entrado a pezar os negocios do Reino... Aqui devem fallar os pertendentes, não devem fallar os Oradores. A verdade de hum requerimento, sem arte, valeo sempre mais no seu Tribunal (dizem todos) do que todas as bellezas da Eloquencia. Só esta qualidade prova mais a bondade natural, e a compaixão nativa do PRINCIPE, do que provaria hum Cicero subindo a este lugar. Em Mafra, em Quelluz, em Cintra, em Lisboa, em toda a parte fallou sempre com o mesmo agrado. Tratou sempre os pertendentes da mesma sorte. Deu sempre as mesmas provas do amor, com que tratava os sábios; da compaixão, que tinha dos pobtes; e do valimento, com que soccorria os afflictos. Em huma palavra, neste bom PRINCIPE estava modelado hum bom Rei. Se chegasse ao Throno, veriamos continuar a riqueza espalhando a mãos cheias a abundancia nas terras do seu Imperio. Veriamos a Justiça equilibrar o rectissimo fiel da sua balança nos Tribunaes do seu Reino. Veriamos, que a fortuna cravada a sua roda com prégo de diamante, nunca mais a faria tornar ao circulo de seu gyro infaulto.

Huma das maiores difficuldades, que se põem aos Oradores n'um Elogio Funebre, he des-

C

cul-

culpar os defeitos do seu Heroe. Até nesta parte me não foi pezado o meu trabalho. O PRINCIPE era ainda melhor, do que eu o tenho tratado. Os originaes perdem muito nas copias. Creado, como Samuel no Templo, desde os seus primeiros annos principiou logo a mostrar, que o espirito da Religião animava todas as suas acções. Podemos dizer seguramente; que primeiro respeitou o Thuribulo, que o Sceptro. Assistindo aos Divinos Officios da Real Capella do Palacio, tanto respeito lhe infundiam as sagradas ceremonias, que ja pelo uso as notava, e emendava, quando se confundiam. Os criticos indoutos, que só se lembram de Cezar, prezam em pouco esta qualidade nos Principes; mas que defeito pode trazer ella a hum Principe Christão? Não he absolutamente necessaria? Que se segue daqui? Logo he prejudicial? Pode embaraçar-lhe o tempo, replicam elles; e sendo assim... Continuemos o discurso, não demos ouvidos a ociosos. Conduzido o PRINCIPE ás funções do Sanctuario pelas mãos da piedade, sempre foi visto com alegria universal de todos os Fieis. Mandando chamar muitas vezes os Oradores, ou para os conhecer, ou para os perguntar, não lhes deixou pequenas provas do seu engenho, e da sua vivacidade. Não vos estou persuadindo huma verdade, só pela ter ouvido. Eu mesmo fui hum, dos que lhe mereceram esta honra.

Nestas constantes alternativas, que o Secular, e o Ecclesiastico viram sempre iguaes, viram os sabios hum bosquejo da concordia pura entre o Sacerdocio, e o Imperio. Pelo que tinham visto,

e ouvido, esperavam, que o PRINCIPE sustentando n'uma de suas mãos o Codigo das Leis, e na outra o dos dous Testamentos desempenhasse bem o desenho. Com todas estas qualidades as mais estimaveis, e as mais uteis, que podia herdar do Ceo, se preparava o PRINCIPE Augusto para subir ao Throno, quando foi obrigado a descer com ellas á sepultura.

Que funebre prospecto ! Que dolorosa scena, vou a representar diante de vossos olhos ! E como devo eu fallar-vos entre as tristissimas idéas, que me atormentam? . . . Portugal sempre constante no amor, que tinha consagrado ao seu PRINCIPE, contando com prazer o dia 21 de Agosto, entra as portas do Real Palacio, e na pessoa dos grandes da Corte vai testemunhar a toda a Real Familia o prazer, que annualmente lhe causava aquelle dia. Com o coração nas mãos conta 27 annos de vida feliz, na vida do seu PRINCIPE; e sem lhe vir ao pensamento, que podia caducar a sua gloria, no curto espaço de onze dias foi obrigado a trocar em confusão a sua felicidade, o seu prazer em lagrimas, e em pezadissimo lucto a sua pompa. No ultimo dia do mez de Agosto, tendo enviado todo o Reino ao Palacio em amorozos desejos os mais felizes votos, enviou a morte em palidas sombras tristes annuncios da sua vinda. Abalou-se o Throno, assustou-se o PRINCIPE, e caio enfermo. Correram apressadamente ao leito aquelles corações, que a natureza, e o amor tinham feito unir em huma só vontade. Entre as mais ternas demonstrações de lhe quererem conservar a vida, fizeram vir em seu

foccorro a Medicina ; mas ella nunca em Portugal foi nem mais desejada, nem menos effcaz.

A doença crecia , os bons presagios creciam á proporção nos Profellores da arte ; mas o PRINCIPE, que respeitava mais a mão de Deos, que o podia enganar, fez chamar o Confessor, que o podiam enganar, e humilhado no estado de hum verdadeiro penitente, referio-lhe a occulta historia da sua consciencia. Pedio depois no Sagrado Viatico a unica consolação, que podia achar na sua doença. Sagradas disposições do Altissimo , como fois adoraveis ! Apenas o bom PRINCIPE unio ao seu coração o Corpo de JESUS CHRISTO Sacramento, sentindo que se principiavam a fechar as portas do tempo, e que se abriam as da Eternidade, lançou a sua sorte na mesma Urna, donde a tinha tirado, e caindo n'um profundo lethargo espirou na paz do Senhor. Tinha soado a hora quarta da tarde no dia onze de Setembro passado.

Enganozas esperanças do mundo, como he curta a vossa duração ! Os dous instantes primeiro, e ultimo da vossa maior carreira, são dous circulos, que sem respeitar grandeza de periferias, sempre se tocam n'um só ponto. Vinte sete annos de felicidade, são para nós hoje, como o dia de honrem, que já passou. Morreu o PRINCIPE. Apenas soou esta voz pelas Salas do Paço, que assombro ! Que disfavor ! Que magoa se observou entre as suas paredes ! O amor materno arranca os mais dolorosos gemidos de hum Coração, que chora sem vida os ossos de seus ossos, e a carne da

da sua carne. Dous rios de lagrimas reventam nos olhos da terna Esposa, que tendo cortado pelos mais melindrosos caprichos do seu sexo, vê morta no PRINCIPE a metade mais sensível do seu coração. Em toda a Real Familia, em todos os seus criados desde o mais proximo ás suas Pessoas até os das mais remotas Officinas do Paço foi igual o sentimento; porque foi igual o motivo. Morreo o PRINCIPE. Apenas se ouviu esta voz no Reino, parou a circulação de huma vida, que tocava de mui perto o coração de todos os seus habitadores. Os Sabios justamente choram na sua morte hum bom Juiz. Os aflitos hum bom Protector. Os soldados hum bom Amigo. E todos os Portuguezes hum bom Rei. He por força do seu amor, que huns tem dito, que não duvidavam sacrificar a propria vida: outros a vida de todos os seus filhos, para conservarem a vida do seu PRINCIPE. He por força do seu amor, que a mais acerba magoa toca o Soberano sobre o seu Throno; o Ministro no seu tribunal; o Monge no seu claustro; o Lavrador na sua cabana; e até o Sacerdote no meio do Altar. Finalmente he por força do seu amor, que se me representam seus Augustos Ascendentes, levantando as pedras dos seus Sepulcros olhando com assombro para essa Urna, e que tornando a cerra-las, continuam seu antigo silencio, expressando nesta linguagem dos mortos o seu sentimento. Cinza respeitavel, geralmente chorada pelas qualidades, que te ennobreceram em quanto animada: Repouza em sancta paz. A pedra do Sepulcro pezada te não seja. Illustres filhos da Sancta Igreja Bra-

ca-

22 O R A Ç Ã O F U N E B R E .

carente, a Eloquencia, e as verdades mais sublimes, não podem refrear as paixões, quando ellas são excitadas por impressões fortes de objectos sensíveis. Nestas occasiões he preciso para se moderarem, que se combatam por outras impressões da mesma especie, que sejam continuamente presentes ao espirito. Respeitai a mão Poderosa do SENHOR que tirando-vos hum PRINCIPE tão amavel, vos deixa outro, que para merecer a sua benção não comprou o Direito da Primogenitura. Deixai cair as lagrimas da vossa saudade, mas suspendei as das vossas esperanças. Rogai ao Ceo pela vida deste novo PRINCIPE, e unindo as vossas supplicas ás Orações dos Sacerdotes pedi ao respeitavel Arão, que lance o sangue do Cordeiro sobre as cinzas do PRINCIPE defunto, para que mais depressa consigam o descanso Eterno.

A S S I M S E J A .

9

À SAUDOSA
MEMORIA
DO SERENISSIMO SENHOR
D. JOSÉ
PRINCIPE DO BRAZIL.

POR
HUM MILITAR DA ARMADA

J. J. C.



LISBOA
NA OFFICINA DE ANTONIO GOMES.

M. DCC. LXXXVIII.

*Com licença da Real Meza da Commissão Geral sobre o Exame,
e Censura dos Livros.*



C788
S255d





